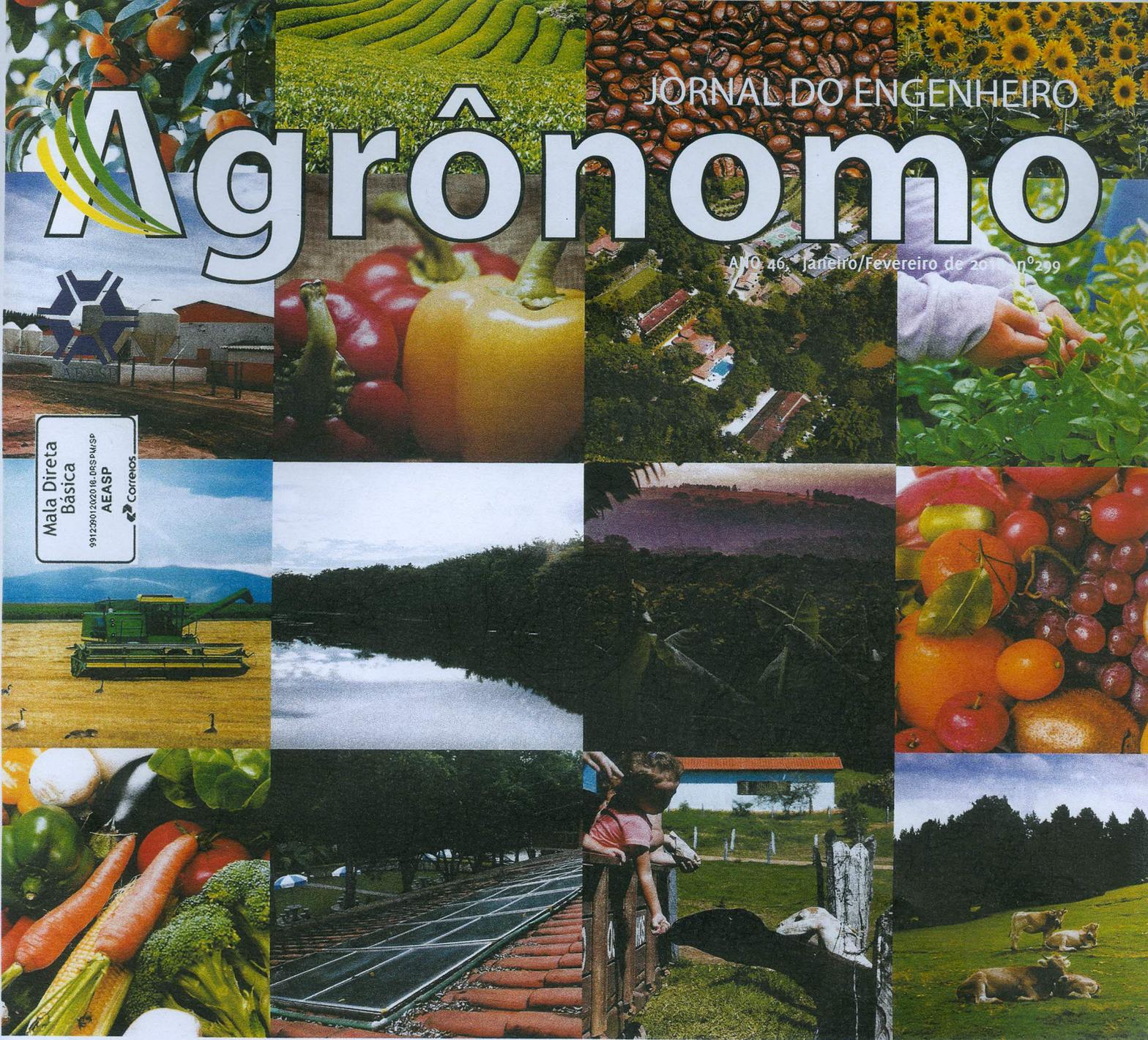


JORNAL DO ENGENHEIRO

# Agrônomo

ANO 46 Janeiro/Fevereiro de 2011 nº 299

Mala Direta  
Básica  
99122901200318\_005 P4U/SP  
AEASP  
Correios



## Entrevista

Luiz Mauro Barbosa, diretor do Instituto de Botânica de SP, fala sobre o trabalho da instituição

## Capa

Negócios alternativos e bem-sucedidos no campo



# Luiz Mauro Barbosa

## Há 42 anos no Instituto de Botânica de São Paulo, o diretor fala sobre a importância do trabalho realizado pelo órgão

Por  
Adriana Ferreira

O engenheiro agrônomo Luiz Mauro Barbosa, diretor-geral do Instituto de Botânica de São Paulo (IBt), pertencente à Secretaria de Meio Ambiente do Estado de São Paulo (SMA), é um dos pioneiros em restauração botânica no Brasil.

Natural do Espírito Santo do Pinhal e formado pela Faculdade de Agronomia e Zootécnica Manuel Carlos Gonçalves, na mesma cidade, seu objetivo sempre foi a pesquisa científica, por isso prestou concurso público e, em 1976, entrou no IBt. Nesses 42 anos de atuação, ajudou o instituto a gerar e disseminar conhecimento fundamental para a conservação e restauração botânica.

O Instituto de Botânica possui 14 Núcleos de Pesquisa aos quais estão vinculadas praticamente todas as áreas do conhecimento da botânica. É responsável pela gestão de três Unidades de Conservação (Reserva Biológica de Paranapiacaba, Reserva Biológica e Estação Experimental de Mogi Guaçu e Parque Estadual das Fontes do Ipiranga, sendo este último onde está lotada a sede da instituição.

É de responsabilidade do IBt também a administração do Jardim Botânico de São Paulo, um dos principais pontos turísticos da capital e um dos poucos no Brasil a ter a categoria A, segundo critérios estabelecidos pelo Conama, o que o coloca em nível de igualdade com os principais jardins botânicos do mundo. Cerca de 65% dos funcionários do instituto são pesquisadores e, destes, 30% são engenheiros agrônomos.

A organização administra ainda diversas coleções científicas, como as coleções de plantas vivas, de culturas e o Herbário SP. Também é missão do instituto a divulgação dos conhecimentos adquiridos à comunidade científica, aos professores, aos estudantes e ao público em geral.

Fazem parte da rotina do órgão a realização de cursos de capacitação, simpósios e workshops, incluindo aqueles sobre restauração ecológica, além de reuniões anuais (RAIBt), nas quais são divulgados os resultados das pesquisas e as atividades desenvolvidas por estagiários e pesquisadores. O IBt também divulga os avanços científicos por meio de publicações próprias.

O VII Simpósio de Restauração Ecológica é o evento mais importante realizado pelo IBt/SAA. Em sua sétima edição, em novembro de 2017, teve como tema central

“Tecnologia e Avanços” e discutiu as principais tendências

quanto ao uso de novas ferramentas para elaboração de projetos de áreas degradadas. Nesta entrevista, Luiz Mauro faz seu balanço sobre o evento e fala sobre o trabalho do IBt.

### ■ Qual a relevância do IBt para as questões ambientais no Estado de São Paulo?

No que diz respeito à restauração ecológica, o instituto tem atuado nessa área desde o fim da década de 1980. Nesse período, diversas foram as pesquisas realizadas. Com o financiamento da Fapesp, foram desenvolvidos dois projetos de políticas públicas: “Modelos de repovoamento vegetal para proteção de recursos hídricos em áreas degradadas dos diversos biomas no Estado de São Paulo” e “Estabelecimento de parâmetros de avaliação e monitoramento para reflorestamentos induzidos visando ao licenciamento ambiental”. Vale um destaque também para a coordenação exercida pela equipe do Instituto de Botânica em diversas ações do “Projeto de Recuperação de Matas Ciliares”.

Vinculados a esses projetos, foram realizadas diversas pesquisas, principalmente aquelas destinadas às políticas públicas, sempre com foco em ações que pudessem auxiliar a Secretaria do Meio Ambiente em suas tomadas de decisões. Os avanços obtidos com essas pesquisas têm embasado técnica e cientificamente diversas Resoluções da SMA. Toda essa legislação está disponível para consulta no site do Instituto de Botânica de São Paulo ([www.ibot.sp.gov.br](http://www.ibot.sp.gov.br)), bem como outras ferramentas que auxiliam nos trabalhos de restauração ecológica.

### ■ Quais ações do IBt influenciam e influenciaram a agricultura paulista?

Antes das resoluções do IBt, não sabíamos como se fazia a recuperação de uma área. Plantava-se qualquer coisa, sem levar em conta o ciclo, se a muda era nativa ou exótica e outros aspectos fundamentais. E, quando não se considera a semelhança com o que acontece na floresta, a floresta não se restabelece.

A partir do nosso trabalho, começado há 15 anos, conseguimos recuperar áreas com qualidade e de forma irreversível, com menor custo. Antes, muitos agricultores perdiam dinheiro tentando recuperar áreas e não conseguiram porque não tinham

orientação segura.

Hoje, com a disseminação desse conhecimento, qualquer agricultor sabe o que plantar, onde e como plantar. Incentivamos também a produção de mudas, divulgamos no site do IBt a lista dos principais viveiros do Estado. Destaco ainda que, após saber o que plantar, é importante saber identificar as espécies no estágio de muda. Para ajudar os produtores nessa tarefa, fizemos um vasto levantamento e criamos uma ferramenta que o ajuda a não comprar gato por lebre. Colocamos à disposição daqueles que precisam promover a restauração florestal um roteiro básico com os itens mais importantes a serem considerados para assegurar os resultados. Todo esse conhecimento está disponível por meio do site do IBt e das nossas publicações.

#### ■ Quais os principais desafios para a restauração ambiental na agricultura?

O grande desafio é prático: fazer educação ambiental constantemente. Vencida a etapa da divulgação do conhecimento, porque ainda tem muita gente que faz reflorestamento errado e perde dinheiro, o passo seguinte é reverter recursos obtidos com crédito de carbono a partir de reflorestamentos de espécies nativas. Já existe um roteiro para elaboração de projetos florestais com o aval da Cetesb para que o trabalho seja bem-sucedido. Também creio que alguns mecanismos relativos às mudanças climáticas precisariam de maior envolvimento de economistas.

#### ■ Fale sobre a importância da primeira resolução para orientar o trabalho de restauração ecológica no Brasil, desenvolvida por vocês.

Foi a SMA 21/201. Essa resolução orientativa da SMA foi a primeira a colocar os trabalhos de restauração com qualidade e sustentabilidade. Facilitou o trabalho dos agricultores, que passaram a ter um norte, com mais qualidade e garantia, além de apresentar ao Ministério Público temas para o levantamento e a compensação ambiental em suas áreas.

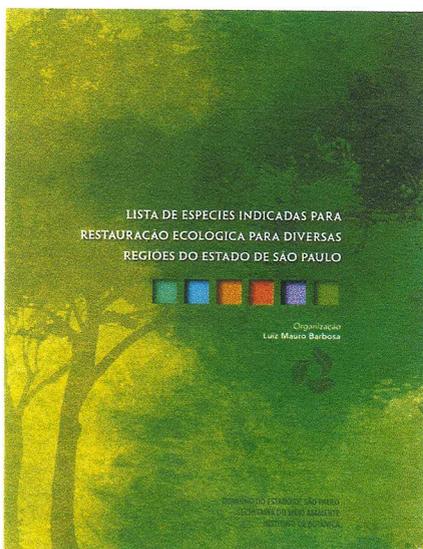


foto: divulgação

Livro com a indicação das espécies para restauração ecológica é resultado do trabalho minucioso dos especialistas do Instituto de Botânica



foto: Octavio Camargo

#### ■ Em novembro, vocês realizaram o tradicional Simpósio de Restauração Ecológica. Qual o balanço que o senhor faz do evento?

Mais de mil pessoas participaram do evento, com capacitação técnica dos profissionais da área; difusão de tecnologia e do conhecimento; e fomento de políticas públicas com geração de parâmetros técnicos científicos. O objetivo principal foi promover a discussão e congregar profissionais e estudantes dos diversos setores envolvidos com a restauração ecológica, especificamente sobre a temática da sétima edição, que trata dos avanços e da tecnologia. Foram apresentados os resultados de trabalhos de pesquisa envolvendo a restauração ecológica e a fauna associada. Em resumo, o evento forneceu subsídios para as tomadas de decisões por parte dos agentes públicos nos trabalhos de restauração ecológica e promoveu a exposição de produtos e serviços de empresas e profissionais que atuam na área, possibilitando a integração da cadeia de negócios gerados pela restauração ecológica.

#### ■ Quais as principais novidades apresentadas?

A principal ferramenta foi o livro *Lista de Espécies Indicadas para Restauração Ecológica para Diversas Regiões do Estado de São Paulo*. Uma das possibilidades muito discutidas também foi o uso de Veículo Aéreo Não Tripulado (Vant) no monitoramento de áreas em processo de restauração.

#### ■ Em 2016, a produção de mudas nativas havia sofrido um recuo. Em 2017, qual foi o quadro? E quais são as perspectivas para este ano?

A produção de mudas nativas manteve-se, em 2017, nos mesmos níveis de 2016, em torno de 37 milhões de mudas/ano. Para 2018, as perspectivas são as melhores possíveis, em virtude da obrigatoriedade do Cadastro Ambiental Rural (CAR), que deve aquecer esse mercado. 